



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE ESTUDOS COSTEIROS
FACULDADE DE CIÊNCIAS NATURAIS**

JOSÉ ANDRÉ COSTA MAGALHÃES

**VIOLÊNCIA INTERPESSOAL CONTRA HOMOSSEXUAIS, BISSEXUAIS,
TRAVESTIS E TRANSEXUAIS: REGISTROS E RELATOS DE
UNIVERSITÁRIOS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA**

**BRAGANÇA – PARÁ
2024**

JOSÉ ANDRÉ COSTA MAGALHÃES

**VIOLÊNCIA INTERPESSOAL CONTRA HOMOSSEXUAIS, BISSEXUAIS,
TRAVESTIS E TRANSEXUAIS: REGISTROS E RELATOS DE
UNIVERSITÁRIOS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Naturais da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Naturais.

Orientador: Prof. Dr. Aldemir Branco de Oliveira Filho

BRAGANÇA – PARÁ
2024

JOSÉ ANDRÉ COSTA MAGALHÃES

**VIOLÊNCIA INTERPESSOAL CONTRA HOMOSSEXUAIS, BISSEXUAIS,
TRAVESTIS E TRANSEXUAIS: REGISTROS E RELATOS DE
UNIVERSITÁRIOS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Naturais da Universidade Federal do Pará, para a obtenção parcial do título de Licenciado em Ciências Naturais.

Apresentação Pública realizada no dia 5 de fevereiro de 2024 pelo Google Meet.

Comissão Avaliadora:

Prof. Dr. Aldemir Branco de Oliveira Filho
Instituto de Estudos Costeiros, UFPA (Orientador).

Profa. Dra. Rosigleyse Corrêa de Sousa Felix.
Campus de Bragança, UFPA (Membro Titular).

Profa. Dra. Nelane do Socorro Marques da Silva.
Campus de Bragança, UFPA (Membro Suplente).

BRAGANÇA – PARÁ
2024

Então está terminando um ciclo de muitas risadas, choros, momentos felizes e algumas frustrações. Sendo assim, dedico este trabalho a todos aqueles que fizeram parte e contribuíram de alguma forma nessa etapa da minha vida: minha mãe, irmãos, minha esposa Patrícia, meu filho Jhonatta, toda minha família e os diversos amigos que, com muito carinho e apoio, estiveram sempre ao meu lado, dando força para não desistir dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à Deus por entender ser essencial em minha vida, que me deu saúde e forças para superar todos os momentos difíceis a que eu me deparei no decorrer da minha graduação e por ajudar-me a vencer todos os obstáculos que não foram poucos.

Agradeço a todos os professores que me ajudaram e influenciaram na minha graduação. Em especial ao professor Aldemir Branco, meu orientador, que não mediu esforços para que pudesse estar concluindo esse percurso, apesar de todos os desafios e os obstáculos.

Agradeço ao Curso de Licenciatura em Ciências Naturais da UFPA e todas as pessoas com quem convivi durante essa formação acadêmica.

SUMÁRIO

Apresentação	7
Resumo	8
Introdução	9
Métodos	11
Resultados	15
Discussão	19
Considerações Finais	22
Referências	23

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) identificou características epidemiológicas da violência interpessoal contra pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) no município de Bragança, a partir de registros e relatos de universitários matriculados em instituições de ensino superior nessa localidade da Amazônia Brasileira. Este estudo transversal, de natureza quanti-qualitativa, coletou e analisou dados distintos fornecidos por universitários e, a partir daí, revelou informações relevantes do fenômeno da violência interpessoal. De forma sucinta, os achados deste estudo constituem características relevantes da violência interpessoal contra pessoas LGBT e podem auxiliar no planejamento e no desenvolvimento de ações e políticas públicas, especialmente aquelas que visam reduzir a violência estrutural que tanto afeta as necessidades básicas e os direitos humanos das pessoas LGBT em Bragança e outras localidades.

Este TCC foi formatado e submetido para publicação no formato de capítulo do livro digital “Educação, Violência, Exclusão e Promoção de Políticas Públicas: Uma Análise e Reflexão sobre a Comunidade LGBTQIAPN no Brasil”, da Editora Científica Digital (<https://www.editoracientifica.com.br>). Este livro tem por finalidade apresentar as pesquisas realizadas por estudantes, graduados, especialistas, mestres e doutores sobre o que tange a educação, violência, exclusão e a construção de uma sociedade onde se reconhece os direitos da comunidade LGBTQIAPN. São muitas as violências praticadas contra as pessoas somente pela condição de sua orientação sexual. É triste saber que a maioria não possui formação, acesso aos direitos fundamentais e são vítimas de diversas formas de violência. Os autores poderão submeter propostas de capítulos para o livro até 30 de janeiro de 2024. Os autores fizeram a submissão antes do prazo final e estão aguardando o resultado. A previsão de publicação desse livro é para 29 de fevereiro de 2024. Ele terá ISBN, DOI individual por capítulo, avaliação e revisão orientada, carta de aceite, certificado de publicação, e página de divulgação do capítulo. Mais informações sobre esse livro digital, acesse: <https://www.editoracientifica.com.br/chamadas/educacao-violencia-exclusao-e-promocao-de-politicas-publicas-uma-analise-e-reflexao-sobre-a-comunidade-lgbtqiapn-no-brasil>

Boa leitura!

VIOLÊNCIA INTERPESSOAL CONTRA HOMOSSEXUAIS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS: REGISTROS E RELATOS DE UNIVERSITÁRIOS NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

José André Costa Magalhães

Universidade Federal do Pará

Larissa Yasmim dos Santos da Paixão

Universidade Federal do Pará

Beatriz Modesta Moreira

Universidade Federal do Pará

Jeisiane Souza de Oliveira

Universidade Federal do Pará

Jocilena Pamela Quadros de Queiroz

Universidade Federal do Pará

Allana Gabrielly do Nascimento Gouveia

Universidade Federal do Pará

Aldemir Branco de Oliveira Filho

Universidade Federal do Pará

RESUMO

Objetivo: Identificar características epidemiológicas da violência interpessoal contra pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) no município de Bragança, a partir de registros e relatos de universitários matriculados em instituições de ensino superior nessa localidade da Amazônia Brasileira. **Métodos:** Este estudo transversal foi conduzido com 317 universitários, utilizou a técnica de amostragem “bola de neve” e formulário digital. Os dados foram utilizados para quantificar, qualificar e definir o perfil do cenário e dos personagens envolvidos em atos violentos contra pessoas LGBT. **Resultados:** No total, 115 (36,3%) universitários presenciaram atos violentos contra pessoas LGBT nos últimos 12 meses. A maioria desses atos foi de natureza psicológica (55,7%), executados por um agressor (80,9%), em via pública (44,4%) e não envolveu o uso de álcool (54,8%). Por meio dos relatos dos universitários LGBT foi detectado que os parceiros íntimos (17,9%), familiares (32,1%) e os desconhecidos (50,0%) são os principais perpetradores de violência e diferentes situações de violência em Bragança foram descritas. **Conclusões:** Esses achados constituem características relevantes da violência interpessoal contra LGBT nessa localidade da Amazônia Brasileira e podem auxiliar no planejamento e no desenvolvimento de ações e políticas públicas, especialmente aquelas que visam reduzir a violência estrutural que tanto afeta as necessidades básicas e os direitos humanos das pessoas LGBT.

Palavras-chave: Diversidade Sexual, Discriminação, Direitos Humanos, Vulnerabilidade.

INTRODUÇÃO

A violência é um problema global de saúde pública e constitui um fenômeno complexo, polissêmico e multifatorial, podendo resultar em uma miríade de consequências à saúde física e mental da vítima (PINTO *et al.*, 2020). A violência pode ser definida como o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação. Sendo que, ela pode ser classificada em três amplas categorias, segundo as características daqueles que cometem o ato violento: violência autodirigida, violência interpessoal, e a violência coletiva (DAHLBERG & KRUG, 2006). A primeira categoria inclui comportamento suicida e agressão auto-infligida. A segunda categoria inclui atos de violência entre membros da família ou entre parceiros íntimos, que ocorre usualmente nos lares, e violência entre indivíduos sem relação pessoal, que podem ou não se conhecerem, a qual geralmente ocorre fora dos lares. A última categoria compreende a violência cometida por grandes grupos ou por países motivada por questão social, política e/ou econômica, inclui atos terroristas, conflitos violentos e guerras (DAHLBERG & KRUG, 2006).

Entretanto, alguns grupos populacionais estão vulneráveis a sofrerem cotidianamente atos violentos, a exemplo daqueles considerados estigmatizados, como as pessoas lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) (ALBUQUERQUE *et al.*, 2016). A discriminação e a violência contra pessoas LGBT é uma realidade persistente. Apenas onze países em todo o mundo incluem a proteção constitucional de pessoas LGBT e 63 países ainda criminalizam a homossexualidade (ILGA, 2022; ILGA, 2020). O alcance da discriminação e da violência contra pessoas LGBT é muito amplo e atinge todas as esferas da sociedade (RIOS *et al.*, 2023).

O Conselho de Direitos Humanos das Organização das Nações Unidas tem expressado preocupação com a violência e a discriminação contra pessoas com base na sua orientação sexual e identidade de gênero por meio de suas resoluções (BLONDEEL *et al.*, 2018). Entretanto, ainda não sabemos se a violência contra pessoas com base na sua orientação sexual e identidade de gênero é caracterizada pelas mesmas dinâmicas e motivações que a violência baseada no gênero contra as mulheres ou se segue um caminho diferente (BLONDEEL *et al.*, 2018; FRIEDMAN *et al.*, 2011; HIDALGO *et al.*, 2015; RIOS *et al.*, 2023).

Logo, a investigação sobre as condições de vida das pessoas LGBT, o planejamento e o desenvolvimento de políticas públicas visando o empoderamento e respeito à diversidade sexual podem melhorar a qualidade de vida das pessoas LGBT e demais membros da sociedade, refletindo em redução de agravos, como violência interpessoal de qualquer natureza. Para isso, comunidades, estados e países devem lançar mão de recursos como a vigilância em saúde para monitorar atentamente os casos de violência e implementar ações de forma ágil e coordenada com outros setores (como educação e segurança pública), a fim de prevenir e mitigar esse agravo, além de acompanhar as vítimas para controle de danos posteriores (FERNANDES *et al.*, 2022).

No Brasil, houve uma preocupação com a população LGBT de forma clara de 2003 a 2016 por meio da promoção de avanços no âmbito da saúde e da educação, com o objetivo de suprir as demandas que os movimentos sociais exigiam para melhorar e reconhecer a vida dessas pessoas. Entretanto, a ascensão de governos liberais e conservadores provocou descontinuidades nas conquistas e afetou direitos fundamentais desta população, além de fomentar a violência de forma pública por meio de incitações e discursos de gestores públicos (FERNANDES *et al.*, 2022).

Além disso, estudos e relatórios têm apontado que as agressões contra a população LGBT são muitas vezes letais e precedidas de violência simbólica (ANTRA & ABGLT, 2023; CNJ, 2022; EFREM FILHO, 2016; RIOS *et al.*, 2023). De 2015 a 2017, um aumento progressivo no número de notificações de violência contra pessoas LGBT foram registradas no sistema de informação de agravos de notificação, demonstrando a sensibilidade crescente do setor saúde às situações de violência contra essa população (PINTO *et al.*, 2020).

Em São Paulo, 4.828 notificações de violência contra homossexuais, bissexuais, travestis e pessoas transgênero foram feitas entre 2016 e 2020. A faixa etária mais acometida foi entre 20 e 34 anos, de cor de pele parda ou preta. Homens homossexuais tiveram maior associação à violência física, enquanto mulheres homossexuais e bissexuais sofreram maior violência psicológica. Houve associação da violência física ao sexismo e da violência psicológica à homofobia ou transfobia (FERNANDES *et al.*, 2022). As violações estão naturalizadas e banalizadas tanto na sociedade quanto nas estruturas que solidificam a ordem jurídica, política e econômica do Brasil, ocasionando a ausência de dados governamentais, como também desdobramentos fatais na plenitude do exercício da cidadania democrática de pessoas LGBT (ANTRA & ABGLT, 2023).

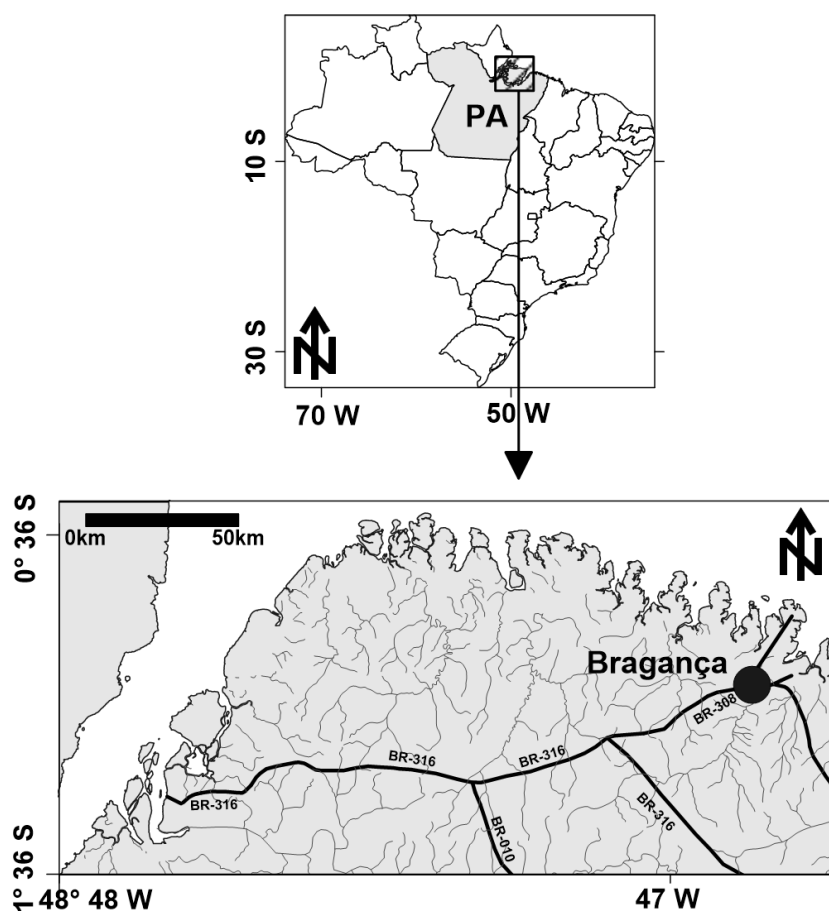
A escassez de dados epidemiológicos sobre a população LGBT e o consequente desconhecimento sobre a realidade vivenciada por essas pessoas em diferentes municípios brasileiros ainda são desafios para a implementação e manutenção de políticas públicas. Baseado nisso, este estudo identificou prevalências e características da violência interpessoal contra pessoas LGBT no município paraense de Bragança, a partir dos registros e relatos de universitários matriculados em instituições de ensino superior nessa localidade da Amazônia Brasileira.

MÉTODOS

Caracterização do estudo

Este estudo transversal, de natureza quanti-qualitativa, coletou e analisou dados distintos fornecidos por universitários matriculados em instituições de ensino superior no município de Bragança (Figura 1) e, a partir daí, revelou informações relevantes do fenômeno da violência interpessoal contra pessoas LGBT.

Figura 1: Localização geográfica do município de Bragança, Pará (PA), Amazônia Brasileira.



Fonte: DA COSTA *et al.*, (2019).

No estudo transversal, os pesquisadores não interferem nos fenômenos em estudo, apenas observam de maneira sistemática e padronizada, coletando e registrando informações, dados ou materiais que ocorrem espontaneamente num determinado momento do processo, ou ao longo de sua evolução, para posteriormente proceder à sua descrição e/ou análise. Um dos objetivos desse tipo de estudo observacional é obter dados fidedignos que ao final da pesquisa permitam elaborar conclusões confiáveis, robustas, além de gerar novas hipóteses que poderão ser investigadas com novas pesquisas (ZANGIROLAMI-RAIMUNDO *et al.*, 2018).

Além disso, este estudo utilizou métodos quantitativos e qualitativos. Aqui, esses métodos se completaram e forneceram maior clareza do cenário epidemiológico, o que pode dar maior segurança para tomada de decisões no futuro. A pesquisa quantitativa visa a coleta de dados numéricos que podem ser usados para medir variáveis. Os dados quantitativos são estruturados e estatísticos, e seus resultados são objetivos e conclusivos. Por outro lado, a pesquisa qualitativa coleta informações que buscam descrever um tema, mais do que medi-lo. Ela não é estatística, sendo fundamentada em dados coletados por meio de um esquema de perguntas, tipo “por quê”. Nesse tipo de pesquisa, os dados revelam com maior profundidade o tema em estudo e podem permitir a identificação de informações relacionadas as motivações, ideias, atitudes e emoções das pessoas (PEREIRA & VITALI, 2013; SOUZA & KERBAUY, 2017).

Desenho e coleta de dados

A técnica de amostragem não probabilística “bola de neve” foi utilizada para acessar e convidar universitários a participarem deste estudo, uma vez que é uma forma de amostra que usa redes de referência e indicações, e pode auxiliar no desenvolvimento de métodos distintos de pesquisa (SOUZA *et al.*, 2017). Inicialmente, cinco universitários conhecidos (líder de centro acadêmico, representante de turma ou ligado ao movimento estudantil local) em suas referidas graduações e instituições de educação superior em Bragança foram acessados diretamente pelos autores do estudo. Eles receberam informações sobre os objetivos, a coleta dos dados e a importância da condução deste estudo. A partir daí, esses cinco universitários passaram a divulgar o estudo e convidar digitalmente (mensagens instantâneas, áudios e/ou videochamadas) outros universitários a compor a amostra. Os aplicativos WhatsApp (Facebook Inc., Menlo Park, Estados Unidos) e Telegram (Telegram Messenger LLP, Dubai, Emirados Árabes Unidos) foram utilizados para comunicação entre os universitários.

Após concordar com a participação no estudo, cada universitário também recebeu link de acesso e preenchimento de formulário digital, contendo indagações sobre informações sociodemográficas, acadêmicas e violência contra pessoas LGBT. Sendo que, aquele universitário que declarou ser homossexual, bissexual ou transgênero também recebeu um link contendo indagações sobre mais detalhes dos atos de violência vivenciados. Posterior ao preenchimento e envio das informações pelo formulário, cada universitário também indicou outros três universitários, os quais foram acessados pelos autores do estudo. Esse procedimento foi repetido diversas vezes para composição da amostra de universitários.

Todos os universitários foram informados sobre a natureza, os potenciais riscos, benefícios e, ao selecionarem o item aceito no termo de consentimento livre e esclarecido, tiveram acesso ao formulário digital para preenchimento. Os critérios de inclusão neste estudo foram: idade ≥ 18 anos, concordar com o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), fornecer informações epidemiológicas, estar cursando uma graduação no município de Bragança (PA), e ter acesso a sinal estável de internet. Todos os potenciais participantes que por motivo desconhecido não concordaram com o TCLE e não forneceram informações para este estudo foram excluídos. A coleta de dados ocorreu de fevereiro a junho de 2021.

Formulários digitais

Este estudo utilizou dois formulários digitais como instrumentos de coleta de dados. Eles foram formatados e administrados na Plataforma Google[®] Forms (Google Inc., Mountain View, Estados Unidos), sendo que sua distribuição ocorreu por meio de link eletrônico de forma direta entre pesquisador e participante. O primeiro formulário digital foi preenchido por todos os participantes, sendo composto de três blocos contendo esclarecimentos e indagações, nos quais os sujeitos não poderiam avançar para o próximo bloco sem fornecer informações para todas as indagações ou confirmar que havia entendido o conteúdo do bloco atual.

Neste instrumento digital, o bloco 1 continha informações ao participante, em linguagem clara e objetiva, sobre os objetivos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as vantagens e as desvantagens de ser um sujeito da pesquisa. O bloco 2 continha o TCLE do estudo. O bloco 3 continha indagações sobre as características demográficas (idade, cor da pele, estado civil, religião, sexo, gênero, e orientação sexual), econômicas (renda familiar mensal nos últimos 12 meses, e desenvolvimento de atividade

remunerada nos últimos 12 meses), acadêmicas (graduação em curso, instituição de ensino onde cursava graduação, e modalidade de ensino da graduação) e violência contra LGBT (presenciou algum ato de violência nos últimos 12 meses, natureza da violência presenciada, local de ocorrência da violência, e número de pessoas envolvidas na agressão).

Além disso, somente aqueles universitários que declararam ser LGBT receberam um link para acessar e preencher um segundo formulário digital, contendo indagações sobre episódios de violência vivenciados durante a vida: (a) sofreu violência nos últimos: 7 dias, 30 dias e/ou 12 meses; (b) natureza da violência que mais vivenciou nos últimos 12 meses: física, psicológica ou sexual; (c) descreva (se possível) o último episódio de violência vivenciado por você, indicando natureza da violência sofrida, vínculo com agressor (se não souber, coloque vínculo desconhecido), local de ocorrência da agressão e se houve registro formal da agressão em instituição de segurança local. Em qualquer momento, o possível sujeito poderia fechar o formulário digital e desistir da participação neste estudo.

Análise de dados

Os dados obtidos através do preenchimento do primeiro formulário deste estudo foram inseridos em planilha de dados do Excel (Microsoft Corp., Redmond, Estados Unidos) e convertidos para arquivo para uso do programa BioEstat (AYRES *et al.*, 2007). Parâmetros estatísticos (frequências absolutas e relativas, média, amplitude e desvio padrão) foram utilizados para descrever as características da amostra de universitários. Intervalos de confiança de 95% foram calculados para as distintas taxas relacionadas aos episódios de violência contra pessoas LGBT. O teste não paramétrico do qui-quadrado foi utilizado para avaliar se o número de atos de violência registrado pelos universitários em geral se desviava significativamente ou não do número de atos de violência registrado pelos universitários LGBT. O valor- $p < 0,05$ indicou a existência de um desvio significativo entre os números de atos de violência registrados pelos dois grupos.

Além disso, os dados obtidos através do preenchimento do segundo formulário deste estudo foram analisados conforme as recomendações de Bardin (2011), as quais destacam as seguintes etapas: (1) Pré-análise (a qual compreende a leitura exaustiva sobre tema); (2) Exploração do material (a qual consiste na organização dos dados em categorias); (3) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação (as informações são analisadas e emergem interpretações inferências, críticas e reflexões). Por fim, trechos de

respostas fornecidas pelos universitários, consideradas importantes para a compreensão e elucidação dos objetivos do estudo, foram expostas, mas a identificação deles foi preservada. Cada participante foi identificado somente como “Universitário” e um número arábico (1, 2, 3, 4, etc.). Por fim, este estudo registrou a violência conforme o conceito estabelecido pela Organização Mundial da Saúde, o qual foi apresentado e discutido pelos autores Dahlberg & Krug (2006).

Aspectos éticos

Todos os procedimentos deste estudo foram executados de acordo com as diretrizes e regulamentos éticos relevantes à nível nacional e internacional. Este estudo integra o projeto de pesquisa "Saúde de adolescentes e jovens: histórias e percepções sobre sexualidade e drogas psicotrópicas", o qual foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Pará.

RESULTADOS

Amostragem

No total, 434 universitários foram acessados e convidados a participarem deste estudo. No entanto, 117 deles foram excluídos: 47 eram menores de 18 anos, 32 não tinham sinal estável de internet, e 38 (por motivo desconhecido) não concordaram com TCLE ou em fornecer algumas das informações e desistiram da participação no estudo. A amostra do estudo com dados quantitativos foi constituída por 317 universitários. Dentre tais, 33 universitários se declararam pessoas LGBT, os quais constituíram a amostra do estudo com dados qualitativos.

Perfil dos universitários

A maioria dos universitários estava na faixa etária dos jovens – 18 a 25 anos (64,4%). A idade média foi 23,7 anos (\pm 8,5 anos). Muitos deles afirmaram ser fêmea (53,0%), cisgênero (99,4%), heterossexual (89,6%), pardo (53,9%), não casado (68,8%), ter religião (88,3%) e ter disponível renda de até um salário por mês (61,8%) (Tabela 1). A maioria dos universitários estava matriculado em instituições públicas (80,4%) e na modalidade presencial (85,2%). As graduações na área de ciências humanas (32,4%) foram as mais relatadas. Houve registro de universitários cursando graduações em: Administração, Agroecologia, Artes Visuais, Licenciatura em Ciências Biológicas, Ciências Contábeis, Licenciatura em Ciências Naturais, Design Gráfico, Licenciatura em Educação Física, Enfermagem, Engenharia de Pesca, Farmácia, Licenciatura em Física,

Licenciatura em Geografia, Gestão Ambiental, Licenciatura em História, Licenciatura em Língua Inglesa, Licenciatura em Língua Portuguesa, Licenciatura em Matemática, Licenciatura em Pedagogia, Serviço Social e Turismo.

Tabela 1: Características demográficas, econômicas e acadêmicas dos universitários matriculados em instituições de ensino superior no município de Bragança, Pará.

Características	Total (%)
Idade (anos)	
18 a 21	75 (23,7)
22 a 25	129 (40,7)
26 a 29	60 (18,9)
≥ 30	53 (16,7)
Sexo	
Macho	149 (47,0)
Fêmea	168 (53,0)
Intersexo	0 (0,0)
Identidade de gênero	
Cis	315 (99,4)
Trans	2 (0,6)
Orientação sexual	
Heterossexual	284 (89,6)
Homossexual	28 (8,8)
Bissexual	5 (1,6)
Assexual	0 (0,0)
Cor da pele (autodeclaração)	
Branco	89 (28,1)
Pardo	171 (53,9)
Negro	57 (18,0)
Estado civil *	
Não casado	218 (68,8)
Casado	99 (31,2)
Religião	
Não	37 (11,7)
Sim	280 (88,3)
Renda mensal *	
Até 1 salário **	196 (61,8)
De 2 a 3 salários	75 (23,7)
> 3 salários	46 (14,5)
Instituição de ensino superior	
Pública	255 (80,4)
Privada	62 (19,6)
Modalidade de ensino	
Presencial	270 (85,2)
Não presencial	47 (14,8)
Área do conhecimento	
Ciências Biológicas	91 (28,7)
Ciências Exatas	52 (16,4)
Ciências Humanas	102 (32,2)
Ciências da Saúde	20 (6,3)
Linguística, Letras e Artes	52 (16,4)

*Últimos 12 meses. **Valor de um salário = R\$ 1.100,00.

Registros de violência

Em 317 universitários, 115 (36,3%) deles afirmaram ter presenciado algum ato de violência contra pessoas LGBT nos últimos 12 meses. A maioria desses atos foram de natureza psicológica (55,7%) e executados por um agressor (80,9%), em via pública (44,4%) e não envolveu o uso de álcool (54,8%) (Tabela 2).

Tabela 2: Características da violência interpessoal contra pessoas LGBT conforme as informações fornecidas pelos universitários no município de Bragança, Pará.

Características	N/Total (%)
Universitários que presenciaram atos de violência nos últimos 12 meses	115/317 (36,3)
Natureza da violência presenciada	
Física	41/115 (35,7)
Psicológica	64/115 (55,7)
Sexual	10/115 (8,6)
Local de ocorrência da violência	
Residência	37/115 (32,2)
Habitação coletiva	12/115 (10,4)
Escola ou similar	3/115 (2,6)
Bar, restaurante ou similar	6/115 (5,2)
Local de prática esportiva	3/115 (2,6)
Via pública	51/115 (44,4)
Outro	3/115 (2,6)
Número de agressores envolvidos no ato de violência	
Um	93/115 (80,9)
Dois ou mais	22/115 (19,1)
Suspeita de uso de álcool pelo(s) agressor(es)	
Sim	32/115 (27,8)
Não	63/115 (54,8)
Não sabe informar	20/115 (17,4)

Porém, as prevalências de atos de violência contra pessoas LGBT ainda foram mais elevadas quando observados somente os registros feitos por universitários declarados homossexuais, bissexuais e transgêneros – últimos 12 meses (84,8%) e últimos 30 dias (48,5%) (Tabela 3). Sendo que, essa diferença entre o número de atos violentos registrados no grupo geral de universitários em relação ao número de registros feitos pelo grupo de universitários LGBT foi significativa ($\chi^2 = 9,65$; $p < 0.01$). Por fim, seis universitários LGBT afirmaram ter sofrido algum tipo de violência nos últimos 7 dias.

Tabela 3: Prevalências de violência interpessoal contra pessoas homossexuais, bissexuais e transgêneros que foram presenciadas por universitários no município de Bragança, Pará.

Prevalências	N/Total (%)	IC 95%
Atos de violência nos últimos 12 meses ⁺	115/317 (36,3)	32,1 – 40,8
Atos de violência nos últimos 12 meses *	28/33 (84,8)	80,3 – 88,9
Atos de violência nos últimos 30 dias *	16/33 (48,5)	44,5 – 52,3
Atos de violência nos últimos 7 dias *	6/33 (18,2)	14,1 – 22,7

⁺ Registros feitos por universitários em geral. * Registros feitos por universitários que se declararam pessoas LGBT. N = Número de universitários. IC 95% = Intervalo de confiança de 95%.

Relatos de violência

Aqui, 33 universitários declararam ser pessoas LGBT e a maioria deles sofreu violência de alguma natureza durante suas vidas. A idade média foi 21,8 anos. As características demográficas e sociais dos universitários LGBT foram semelhantes aos universitários em geral. Atos de violência psicológica (50,0%), física (32,1%) e sexual (17,9%) foram vivenciados nos últimos 12 meses e relatados pelos universitários LGBT. Esses atos ocorreram na residência (46,4%), via pública (35,7%) e em área ou estabelecimento comercial (17,9%), como feira, supermercado, e bar, e os agressores foram: pessoas desconhecidas (50,0%), familiares (32,1%) e parceiro íntimo (17,9%).

Insulto, humilhação, intimidação e ameaça foram as formas relatadas de manifestação de violência psicológica. Empurrões, puxões, arranhões, pancadas ou cortes com objetos e socos foram as formas relatadas de manifestação da violência física. Assédio, exibicionismo e voyeurismo foram relatados como formas de manifestação de violência sexual. Somente três universitários LGBT afirmaram ter registrado formalmente a violência sofrida em instituição de segurança local, inclusive eles informaram a necessidade de atendimento de saúde em decorrência dos socos, cortes e pancadas com objetos. A seguir, quatro relatos de universitários que representam os diferentes contextos de violência vivenciados pelas pessoas LGBT:

“Na semana passada fui comprar caranguejos e outras coisas com um amigo e o meu namorado, lá na feira perto do boas novas. Quando estávamos passando pelos caras que carregam mercadorias e outras coisas pesadas em carrinhos, um deles olhou para nós e começou a falar: “Vocês gostam de rola né? Então vem aqui que meto com força no cu de vocês. Seus viadinhos filhos da puta!”. Ele pegava na calça, apertava o pênis e ficava falando essas e outras merdas. Os outros caras ficavam rindo e falando

merdas tbm. Isso me deixou muito irritada, mas meu namorado ficou me puxando para continuar andando porque estava com vergonha e medo, não queria confusão...” – Universitário 1.

“Quase todos os dias sou ofendida e xingada em casa pelo meu pai. É uma tortura! De um problema simples, ele sempre faz uma grande confusão. Minha mãe tenta amenizar, mas ele é muito machista, ignorante, não aceita minhas escolhas e ignora tudo que vem de mim. Agora tá difícil arrumar dinheiro, mas assim que consegui alguma coisa vou embora daqui...” – Universitário 2.

“Já vivi diversos episódios tristes nessa cidade “pérola” mas que tem muita gente preconceituosa... teve uma vez que eu e minha namorada estávamos indo de boa para o lab na UFPA. Quando tava passando na frente de uma casa, tinha uma mulher lavando o pátio e o portão estava aberto. Quando ela viu a gente começou a nos chamar de sem vergonha, que sapatão boa e sapatão morta, daí para baixo. Que não respeitávamos Deus e as famílias de bem. Ficamos com medo e continuamos andando sem reagir porque não tinha ninguém na rua, ela estava louca e ainda tinha um cachorro latindo junto dela. Acho que isso deixou ela mais irritada que jogou água na gente, mas já estávamos um pouco longe e não molhou...” – Universitário 3.

“Eu vivi quase um ano com um parceiro que dizia que me amava, mas me xingava, beliscava, empurrava até me bateu. Durante a pandemia as coisas pioraram, tinha briga quase todo dia. Não dava mais para aguentar aquilo. Fui embora com medo, mas saí de casa. Ele era muito ciumento e possessivo. Teve um dia que ele me trancou no quarto para que não saísse de casa [...]. Hoje tenho vivido outros problemas provocados pelos preconceituosos da família tradicional que tenho. Triste!” – Universitário 4.

DISCUSSÃO

Este estudo identificou elevada prevalência de violência interpessoal contra pessoas LGBT no município de Bragança por meio de registros e relatos de universitários. Inicialmente, os universitários em geral presenciaram e registraram aqui números

elevados de atos violentos, de natureza psicológica e física, contra pessoas LGBT executados geralmente por um agressor, em via pública e sem influência do uso do álcool. Os relatos fornecidos por universitários declarados LGBT indicaram informações semelhantes. Entretanto, como esperado, os universitários LGBT forneceram mais detalhes sobre a violência sofrida, como: desconhecidos e familiares como principais agressores, um maior número de atos violentos de natureza sexual, as diferentes formas de manifestação da violência interpessoal e, principalmente, locais e contextos em que tais violências foram executadas.

Infelizmente, a violência contra a população LGBT é um fenômeno frequente e comum que perpassa tempo e espaço geográfico. De acordo com Fernandes e colaboradores (2022), a própria busca do autoconhecimento da identidade sexual, da identidade de gênero e dos desafios da juventude e início da idade adulta são fatores que podem provocar sofrimento aqueles que não se encaixam no modelo hetero e cisnormativo. Adicionalmente, esses autores afirmam que a violência interpessoal parece ser mais comum contra pessoas na faixa etária da juventude, momento da vida em que muitos valores e afetos estão em construção e podem ser influenciados pela ação violenta, como registrado aqui nos relatos dos universitários.

Aqui, a violência psicológica contra pessoas LGBT foi predominante, mais da metade dos universitários presenciaram pessoas LGBT sofrendo com insultos, humilhações e ameaças. Formento e colaboradores (2020) afirmaram o registro de 77 ocorrências de crimes contra a população LGBT nos municípios de Belém, Ananindeua e Marituba, de 2017 a 2018. A maioria dos crimes contra pessoas LGBT registrados nesses três municípios do Pará foram classificados como injúria (conduta que consiste no ato de ofender a dignidade e o decoro de alguém) e ocorreram em residência ou via pública (FORMENTO *et al.*, 2020). Nos municípios brasileiros de Juazeiro do Norte e Crato, estado do Ceará, um estudo também mostrou a predominância da violência psicológica contra pessoas LGBT, sendo que muitos participantes apresentaram manifestação de tristeza e de pensamentos suicidas, inclusive com registro de tentativas de suicídio (ALBUQUERQUE & PARENTE, 2017).

Por outro lado, a violência física foi a mais perpetrada contra pessoas LGBT no município de São Paulo, sudeste do Brasil. A maioria dos atos de violência, independente da natureza, foram perpetrados por parceiro íntimo, familiar ou desconhecido e ocorreu em residência ou via pública, semelhante ao detectado neste estudo. As motivações da

violência contra pessoas LGBT em São Paulo foram a homofobia e/ou transfobia, além de conflitos geracionais (FERNANDES *et al.*, 2022). A violência física é um indicador claro de risco elevado à saúde dessa população. De acordo com Botello-Peñaloza & Guerrero-Rincón (2018), a violência física é uma das formas de retaliação social há aquilo que se toma por “diferente”, e pode incluir uso de força corporal, armas de fogo ou brancas e espancamento, dentre outros meios. De forma geral, a violência contra população LGBT produz desordens de caráter psicológico e fisiológico que ameaçam consideravelmente a qualidade de vida dessas pessoas, repercutindo negativamente em sua sociabilidade e realização de atividades de vida diária.

O Anuário Brasileiro de Segurança Pública foi o primeiro levantamento nacional sobre violência contra pessoas LGBT baseado em dados oficiais de segurança pública, especificamente sobre registros de homicídios, lesão corporal dolosa e estupros nas delegacias nos anos de 2017 e 2018 (FBSP, 2019). Neste estudo, pouquíssimos atos de violência foram registrados em instituição oficial de segurança pública. Esse baixíssimo registro oficial de violência também foi detectado no estudo conduzido nos municípios paraense de Belém, Ananindeua e Marituba (FORMENTO *et al.*, 2020).

Esses resultados reforçam o decepcionante tratamento dispensado à violência interpessoal contra pessoas LGBT, uma vez que apenas 10 dos 26 Estados e Distrito Federal apresentaram dados oficiais (FBSP, 2019). Os registros oficiais dos atos de violência contra pessoas LGBT devem ser facilitados e incentivados, isso pode ser uma importante ferramenta para traçar o perfil das vítimas e dos agressores, permitir a implementação de políticas públicas de forma efetiva e reduzir a violência estrutural que tanto afeta as necessidades básicas e os direitos humanos, especialmente das minorias sociais.

O dossiê sobre mortes e violências contra a população LGBT no Brasil (ANTRA & ABGLT, 2023) apresenta diversas recomendações de políticas que podem ser implementadas no combate a todas as formas de violência motivadas contra pessoas LGBT, mais especificamente diante do que os dados constantes neste estudo, como: (i) incluir, no currículo escolar, temas ligados à educação sexual inclusiva e à tolerância à diversidade; (ii) realizar campanhas públicas que incluam a diversidade LGBT, a fim de conscientizar sobre seus direitos, os impactos da LGBTfobia e sobre os efeitos da criminalização da LGBTfobia; (iii) combater a impunidade e a subnotificação de abuso e

violência; e (iv) cumprir as metas e propostas estabelecidas no plano nacional LGBT e no Programa Nacional de Direitos Humanos.

Além disso, os achados deste estudo comprovam a magnitude do problema que incide sob a população LGBT e a necessidade de serviço de saúde no município de Bragança que atenda com eficiência as pessoas LGBT que estão sendo violentadas. Neste sentido, atenção especial deve ser direcionada a população LGBT, a partir da aplicabilidade das diretrizes e pressupostos da Política de Atenção Integral à Saúde LGBT, com foco em especial ao combate a violência dirigida ao grupo e suas consequências, como: a promoção da cidadania e da inclusão da população LGBT por meio da articulação com as diversas políticas sociais, de educação, trabalho e segurança; e a eliminação das homofobias e demais formas de discriminação que geram a violência contra a população LGBT, contribuindo para as mudanças na sociedade em geral (BRASIL, 2013).

Embora os achados deste estudo sejam importantes para reflexão, faz-se necessário destacar suas limitações. Inicialmente, o pequeno número de pessoas LGBT acessadas deve ser destacado. Outro ponto importante é o período e a forma de coleta de dados em decorrência das medidas de contenção do vírus causador da COVID-19. Isto também pode ter influenciado o registro de atos violentos contra pessoas LGBT, haja vista que o município de Bragança apresentou altas taxas de incidência, mortalidade e letalidade pela COVID-19 e sua população vivenciou alguns curtos períodos de lockdown (SILVA JUNIOR & QUARESMA, 2023). No entanto, apesar dessas limitações, os achados do estudo são semelhantes aos dados registrados em outros estudos brasileiros, indicando a vulnerabilidade da população LGBT à violência interpessoal, independente de sua localização geográfica e espacial, e até mesmo, sugerindo que isso possa ser um padrão de perfil contínuo e traumatizante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo identificou elevadas prevalências de violência interpessoal contra pessoas LGBT no município de Bragança, Pará. As maiores taxas foram registradas pelos universitários LGBT nos últimos 30 dias e nos últimos 12 meses. Atos de violência psicológica e física predominaram, mas violência sexual também foi detectada. A maioria desses atos ocorreu em residência ou via pública e os agressores foram os parceiros íntimos, familiares e pessoas desconhecidas. Pouquíssimos atos de violência interpessoal contra LGBT foram registrados em instituição de segurança local. Esses achados

constituem características relevantes da violência interpessoal contra LGBT nessa localidade da Amazônia Brasileira e podem auxiliar no planejamento e no desenvolvimento de ações e políticas públicas, especialmente aquelas que visam reduzir a violência estrutural que tanto afeta as necessidades básicas e os direitos humanos das pessoas LGBT em Bragança e outros locais.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE GA, et al. Access to health services by lesbian, gay, bisexual, and transgender persons: systematic literature review. *BMC International Health and Human Rights*. 2016; 16: 2.

ALBUQUERQUE GA, PARENTE JS. Violência perpetrada contra o grupo LGBT: Interfaces com distúrbios fisiológicas e psicológicas nas vítimas. *Tempus Actas de Saúde Coletiva*. 2018; 11(4): 171-183.

AYRES M, et al. BioEstat. Versão 5.0. Aplicações Estatísticas na área das ciências biomédicas. Sociedade Civil Mamirauá. Belém (PA, Brasil): 2007, 364 p.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS (ANTRA) e ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISEXUAIS, TRAVESTIS, TRANSEXUAIS E INTERSEXOS (ABGLT). Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2022. Acontece Arte e Política LGBTI+. Florianópolis (SC, Brasil): 2023, 73p.

BARDIN L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Brasília (DF, Brasil): 2013. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_saude_lesbicas_gays.p df

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA (CNJ). Discriminação e violência contra a população LGBTQIA+ relatório da pesquisa. Conselho Nacional de Justiça; Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Brasília (DF, Brasil): 2022. Disponível

em: <https://www.cnj.jus.br/wp-content/uploads/2022/08/relatorio-pesquisa-discriminacao-e-violencia-contra-lgbtqia.pdf>

BLONDEEL K, et al. Violence motivated by perception of sexual orientation and gender identity: a systematic review. *Bulletin of the World Health Organization*. 2018; 96(1): 29-41L.

BOTELLO-PENALOZA HA, GUERRERO-RINCÓN I. Incidencia de la violencia física en la población LGBT en Ecuador. *Civilizar Ciencias Sociales Humanas*. 2018; 18(35): 129-138.

DA COSTA LM, et al. Prevalence and Risk Factors for human immunodeficiency virus infection among female sex workers: distinct offers of sexual services in a municipality of the Brazilian Amazon. *AIDS Research and Human Retroviruses*. 2019; 35(9): 826-832.

DAHLBERG LL, KRUG EG. Violência: um problema global de saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2006; 11: 1163-1178.

EFREM R. Corpos brutalizados: conflitos e materializações nas mortes de LGBT*. *Cadernos Pagu*. 2016; 46: 311-340.

FERNANDES H, et al. Violência interpessoal contra homossexuais, bissexuais e transgêneros. *Acta Paulista de Enfermagem*. 2022; 35: eAPE01486.

FORMENTO JAS, et al. Homophobic violence: analysis of intolerance crimes against the LGBT community in Belém-PA. *Research, Society and Development*. 2020; 9 (12): e33991211235.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2019. Fundações de Sociedade Aberta. Disponível em: https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/10/Anuario-2019-FINAL_21.10.19.pdf

FRIEDMAN MS, et al. A meta-analysis of disparities in childhood sexual abuse, parental physical abuse, and peer victimization among sexual minority and sexual nonminority individuals. *American Journal of Public Health*. 2011; 101(8): 1481-1494.

- HIDALGO MA, KUHNS LM, KWON S, et al. The impact of childhood gender expression on childhood sexual abuse and psychopathology among young men who have sex with men. *Child Abuse & Neglect*. 2015. 46: 103-112.
- INTERNATIONAL LESBIAN, GAY, BISEXUAL, TRANS, AND INTERSEX ASSOCIATION (ILGA). MAPS: sexual orientation laws. 2022. Disponível em: <https://ilga.org/maps-sexual-orientation-laws>
- ILGA. State-sponsored homophobia 2020: Global legislation overview update. Jóvenes Y Diversidad Sexual. Sondeo de opinión. 2020. Disponível em: https://ilga.org/downloads/ILGA_Mundo_Homofobia_de_Estado_Actualizacion_Panorama_global_Legislacion_diciembre_2020.pdf http://www.injuve.es/sites/default/files/Sondeo2010_2b.pdf
- PEREIRA KP, VITALI PM. Pesquisa Quantitativa e Qualitativa: A integração do conhecimento científico. *Saúde & Transformação Social*. 2013; 4(1): 16-18.
- PINTO IV, et al. Perfil das notificações de violências em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, Brasil, 2015 a 2017. *Revista Brasileira de Epidemiologia*. 2020; 23:e200006.SUPL1.
- RIOS O, et al. Violence Against LGBTIQ+ People at Universities: The Need to Uncover a Silent Reality. *Trauma, Violence & Abuse*. 2023; 24(4): 2680-2690.
- SILVA JÚNIOR MR, QUARESMA JAS. Incidência e mortalidade pela COVID-19 no município de Bragança - PA em 2020 e 2021. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*. 2023; 23(3): e11680.
- SOUZA KR, KERBAUY MTM. Abordagem quanti-qualitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação. *Educação e Filosofia*. 2017; 31(61): 21-44.
- ZANGIROLAMI-RAIMUNDO J, et al. Tópicos de metodologia de pesquisa: estudos de corte transversal. *Journal of Human Growth and Development*. 2018; 28(3): 356-360.